



## COMENTÁRIOS SOBRE A ORDEM SUJEITO-VERBO EM ANÚNCIOS DE JORNAIS DO BRASIL OITOCENTISTA

### COMMENTS ON THE SUBJECT-VERB ORDER IN NEWSPAPER ADS FROM BRAZIL OF 19TH CENTURY

Leandro Silveira de Araujo\*

#### RESUMO

Este trabalho faz uma breve apreciação sobre alguns aspectos da colocação do sujeito na oração da língua portuguesa, empregada no Brasil do século XIX. A análise se desenvolveu a partir de uma seleção de anúncios jornalísticos oitocentistas, compilados na obra “Os Preços Eram Commodos... Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX” (GUEDES, BERLINCK, 2000). Os dados observados foram contrapostos a estudos sobre ordem no português (DIAS, 1959; CÂMARA JÚNIOR, 1975; PONTES, 1987). Sob uma perspectiva especialmente quantitativa, foi possível observar que em anúncios oitocentistas a ordem mais favorecida foi a não marcada, isto é, com sujeito anteposto ao verbo (60%). Contudo, ainda assim, identificamos um alto percentual (40%) de ocorrências da colocação marcada, em que o sujeito é posposto ao verbo. A elevada recorrência desse último dado se dá, em parte, devido ao gênero discursivo, que favorece, por exemplo, o uso de passivas sintéticas. Por fim, observamos que o modelo de posicionamento do sujeito já estava definido no século XIX.

**Palavras-chave:** ordem sintática; português brasileiro; século XIX.

#### ABSTRACT

*This paper has given a brief look at some aspects of the subject's placement in the clause of the Portuguese language, employed in the 19th century in Brazil. The analysis has been developed from a selection of eighteenth-century newspaper ads, compiled in the work “Os Preços Eram*

\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista, UNESP/Araraquara. Professor da Universidade Federal de Uberlândia, atuando na Graduação em Letras: Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8518-1266>

*Commodos... Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX” (GUEDES; BERLINCK, 2000). The data observed were opposed to studies on syntactic order in Portuguese (DIAS, 1959; CÂMARA JÚNIOR, 1975; PONTES, 1987). From a particularly quantitative perspective, it has been possible to observe that in 19<sup>th</sup> century announcements the most favored order was the unmarked one, that is, with the subject before the verb (60%). However, we have still identified a high percentage (40%) of occurrences of the marked placement, in which the subject is placed after the verb. The elevation of this last data occurred, in part, due to the discursive genre, which favors, for example, the use of synthetic passives clauses. Finally, we have observed that the model of subject positioning was already defined in the 19th century.*

**Keywords:** syntactic order; brazilian portuguese; 19th century.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer algumas considerações sobre a ordem estabelecida entre sujeito e verbo (doravante SV) em anúncios que circularam em jornais brasileiros do século XIX. No entanto, antes de proceder à análise do fenômeno pautado, iremos nos reportar a uma breve apreciação do cenário sócio-histórico, com especial atenção à função sociodiscursiva do anúncio na sociedade brasileira oitocentista, bem como à fixação da ordem SV na língua portuguesa.

Partindo da análise sócio-histórica do contexto brasileiro no século XIX, sabemos que a chegada da família real portuguesa em 1808 ao Brasil marca o início de um crescimento socioeconômico da então colônia portuguesa no Novo Mundo. Por abrigar a Coroa, o país vislumbrou o desenvolvimento de vários segmentos econômicos e de infraestrutura. Entre os muitos avanços, foi permitida e viabilizada a abertura de tipografias, o que, por conseguinte, possibilitou a circulação de jornais impressos em várias províncias do país.

No novo suporte textual que começava a circular na colônia, observavam-se anúncios que correspondiam a uma forma embrionária dos classificados de hoje: breves e sem ilustração. Podemos considerar esses textos uma amostra dos aspectos linguísticos de várias camadas da sociedade que compunham o cenário social do Brasil oitocentista, pois figuravam neles tanto a eloquência da nobreza e da área jurídica, como a linguagem simples dos homens do campo e do comércio.

A diversidade de assuntos apresentados também revela que não havia uma sistematização ou limitação dos textos exclusivamente à função propagandística. Tanto é assim que encontramos desde ofertas de produtos e serviços até notícias a respeito de crimes, perdas, acidentes, fuga de escravos, eventos da cidade etc.

Por causa da abertura para a diversidade de anúncios e do início da estruturação do jornal no país é que se torna possível o uso de uma linguagem diversificada e, muitas vezes, próxima ao vernáculo. Como podemos observar no enunciado abaixo, o monitoramento reduzido da produção linguística pode ser observado, por exemplo, com a recorrência de ausência de concordância verbal:

(1) **Fabrica-se telhas e tijolos** que se vendem por preços muito razoáveis. Os proprietários desta olaria incumbem-se de remette-los para Campinas, ou qualquer parte. Trata-se na rua das Flôres número 29, com José Barbosa Guimarães (A ACTUALIDADE, 16 jul. 1875).

Quanto à questão da fixação da ordem do sujeito e do verbo na língua portuguesa, partimos do conhecimento de que no latim clássico a preocupação com a ordem dos elementos

das sentenças era muito reduzida por se tratar de uma língua de casos declináveis. As desinências garantiam a clareza sintática da sentença, não havendo, portanto, a necessidade de se estabelecer uma ordem não marcada, ou seja, a ordem sujeito-verbo-objeto, consolidada na língua portuguesa moderna.

Sobre essa questão, Câmara Júnior (1975, p. 250) afirma que “a colocação era um mecanismo que não existia em latim. Aí, a colocação era absolutamente ‘livre’, do ponto de vista gramatical”. Tarallo (1990, p. 146), também explorando um panorama histórico de como a ordem sintática se constituiu na língua portuguesa, afirma que a sentença latina estabelecia “relações a partir de elementos soltos e livres, pois o poderio de cada item isolado, expresso por uma forma cristalizada, em sua própria autonomia estabelecia contato com o todo sintático”.

É importante salientar, contudo, que a preocupação com a colocação dos elementos na sentença começou a surgir, segundo Tarallo (1990), já no latim vulgar, pois as funções gramaticais não eram tão transparentes como no latim clássico, uma vez que aquele teve suas formas empobrecidas por corrosão fonético-fonológica, colaborando para uma simplificação do paradigma de flexão nominal da língua:

Dada a reorganização fonético-fonológica e as consequentes alterações morfológicas já sofridas no latim falado, seria inconcebível que esse sistema mantivesse uma estruturação sintática semelhante à do latim escrito. Muito pelo contrário: a reorganização fonético-fonológica e as alterações morfológicas, na realidade, provocaram uma nova sintaxe em que, dada a não-transparência das formas, as funções são produzidas e percebidas a partir da ordem em que os elementos aparecem na sentença (TARALLO, 1990, p. 147).

Ainda sobre o desaparecimento das desinências e o surgimento da ordem sintática, Williams (1975) também esclarece que:

É provável que as modificações fonéticas (principalmente a perda das consoantes finais e a perda e o enfraquecimento de vogais átonas), acarretadas por um acento de intensidade incrementado, precipitassem a ruptura do sistema morfológico do latim clássico, que se tornava assim, inadequado às necessidades de uma sintaxe altamente sintética. A flexão foi substituída pela perífrase. A análise tomou o lugar da síntese. E a ordem das palavras veio a assumir em sintaxe um papel de máxima importância (WILLIAMS, 1975, p. 22-23).

Portanto, é ressaltado que a pouca atenção dada, no latim clássico, à colocação dos elementos na sentença é modificada e acentuada com o avanço do latim vulgar e ainda mais na língua portuguesa – isso em decorrência das transformações a que toda língua está suscetível em seu processo de desenvolvimento.

Desse modo, para que não se perdesse o êxito compreensivo das sentenças enunciadas, das funções gramaticais de seus constituintes, bem como para que se garantisse a recuperabilidade dos argumentos das sentenças, estabeleceu-se uma ordem para as construções oracionais em português, representada pela ordem não marcada: sujeito-verbo-objeto.

Essa organização oracional, vigente desde o século XIX, é condicionada por fatores de natureza gramatical. Porém, sabemos que efeitos de ordem estilística e pragmática podem romper com essa disposição prototípica. Câmara Júnior (1975) afirma que, nesses casos de rompimento, deparamo-nos com uma ordem marcada na língua. Em complemento, Tarallo (1990) afirma que a ruptura com a ordem não marcada não pode implicar comprometimento do conteúdo expresso, pois, conforme explica:

[...] a gramática determina, através de suas regras, a configuração não-marcada da ordem das palavras, e que sobre essa se imporá o princípio funcional que atribuirá colorações estilísticas diferenciadas aos enunciados na medida em que a ordem básica é quebrada. Apesar, porém, da sobrevivência e da atuação do princípio funcional, a gramática dirá ‘*não*’ ao princípio funcional se, com a ruptura da ordem básica por ela determinada, as funções gramaticais se perderem (TARALLO, 1990, p. 149-150).

Uma vez concluída a revisão introdutória, passaremos, nos próximos parágrafos, à apresentação dos aspectos metodológicos deste estudo, para, então, procedermos efetivamente ao estudo da ordem do sujeito e verbo em enunciados de jornais brasileiros do século XIX.

## 1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A fim de cumprir o objetivo deste estudo, tomamos como *corpus* de análise enunciados compilados na obra “*E Os Preços Eram Commodos... Anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX*” (GUEDES; BERLINCK, 2000). É importante destacar que, conforme apontam as próprias organizadoras do livro, os anúncios reunidos de jornais constituem uma das modalidades escritas mais próximas da modalidade falada no Brasil oitocentista disponível, o que, por conseguinte, oferece-nos uma materialidade linguística muito próxima à experiência com a linguagem desse momento histórico.

Foram analisados anúncios dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Pernambuco. Para cada área, foram selecionados aleatoriamente 20 anúncios, com exceção de São Paulo, de que dispusemos de 70 enunciados. Tendo em vista o objetivo de analisar a relação entre sujeito e verbo, não consideramos no estudo orações em que havia sujeito elíptico ou indeterminado.

Como os textos destinam-se a variadas funções divulgativas, é possível identificá-los como:

- Informativos (notícias de roubos, perdas, fugas de escravos);
- Oferta de produtos;
- Oferta de serviços e contratações.

Por serem anúncios, a pequena extensão é uma característica comum desses textos. Contudo, quando se trata de “oferta de produtos”, observamos enunciados ainda mais breves e com maior ocorrência de passivas sintéticas. Tanto é assim que de uma amostra de 74 anúncios de São Paulo, 50 deles ofereciam produtos, dos quais 43 apresentavam passivas. Em relação aos textos “informativos”, houve o predomínio das construções prototípicas de estrutura S+V+O, recurso que contribui para a clareza do texto, assegurando a boa compreensão da informação dada por parte do leitor e, evitando, assim, possíveis ambiguidades.

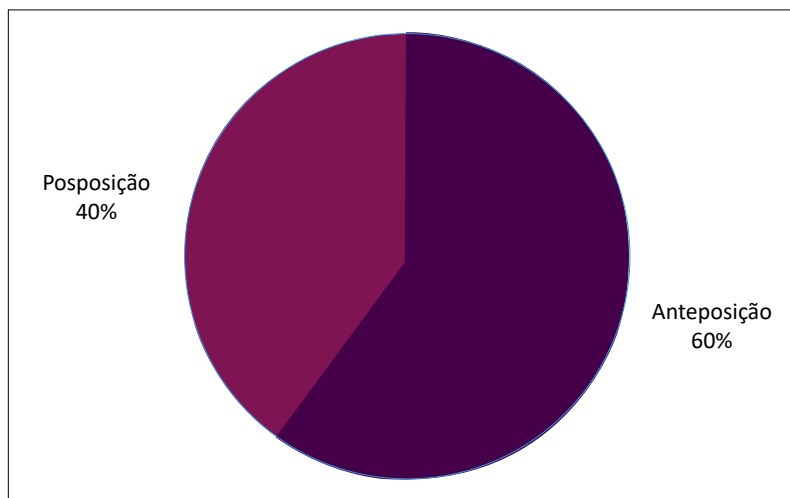
Feitos esses apontamentos, passemos à análise quantitativa dos dados coletados.

## 2 A ORDEM SUJEITO-VERBO EM ANÚNCIOS DE JORNAIS BRASILEIROS DO SÉCULO XIX

Como mencionado, nossa análise atentou à posição do sujeito em relação ao verbo em orações selecionadas no *corpus* da pesquisa. Após a seleção de 130 anúncios (20 de Santa Catarina, 20 de Minas Gerais, 20 de Pernambuco e 70 de São Paulo), analisamos 239 orações, das quais 143

apresentam sujeito anteposto ao verbo e 96 apresentaram sujeito posposto, o que resulta numa porcentagem de 60% e 40%, respectivamente:

Gráfico 1 – Da distribuição de sujeitos antepostos e pospostos ao verbo



Fonte: elaboração própria.

Se consideramos as duas posições do sujeito separadamente nos dados de cada um dos estados, percebemos pouca alteração no percentual em relação aos dados gerais. Em São Paulo, foram analisadas 131 orações, das quais 81 (62%) tinham o sujeito anteposto ao verbo e 50 (38%) tinham o sujeito posposto. Em Minas Gerais, das 30 orações examinadas, 19 (63%) apresentavam o caso de anteposição e 11 (37%) de posposição do sujeito. Em Santa Catarina, analisamos 55 orações e 30 (55%) delas tinham sujeito anteposto ao verbo enquanto 25 (45%) tinham sujeito posposto. Por fim, Pernambuco, com 23 orações analisadas, apresentou 13 (57%) ocorrências de anteposição e 10 (43%) de posposição. Assim, Santa Catarina apresenta o menor *range*<sup>1</sup> entre posposição e anteposição do sujeito (10%), ao passo que Minas Gerais apresenta um *range* maior, de 26%.

Após apresentação geral dos dados, passamos à observação separada de cada um dos contextos sintáticos em análise de modo a obter informações mais específicas.

## 2.1 ENUNCIADO SEM VERBO OU COM SUJEITO ELÍPTICO

Houve grande recorrência de enunciados sem verbo ou com sujeito elíptico no *corpus* analisado, o que diminuiu a quantidade de dados processados – reduzindo-os a apenas 239 ocorrências, uma vez que para o estudo da colocação do sujeito interessavam-nos casos em que houvesse a presença explícita do sujeito. A seguir, mencionamos alguns desses casos descartados.

Em (2), apesar de oculto, a identificação do sujeito (eu) é possível graças à morfologia de primeira pessoa do singular junto à forma verbal – contrariando a suposta impessoalidade própria do jornalismo. Notemos que, mesmo identificando o sujeito, não é possível avaliar, nesses casos, sua posição na oração.

<sup>1</sup> Em estatística, *Range*, ou amplitude, diz respeito à diferença entre o maior e o menor valor observado, indicando, portanto, maior equilíbrio quantitativo entre as variantes.

(2) Ao *Excelentíssimo* Ministro da Justiça | Constando-me que promoveu a minha remoção a pedido, apresso-me em vir a imprensa declarar que não desejo e nem requeri cousa alguma a respeito. | José Christiano Stockler de Lima Juiz Municipal (O JEQUITINHONHA, 1868).

Em (3), temos um exemplo de enunciado em que o sujeito é mencionado no início do anúncio e retomado de forma elíptica nas orações seguintes. Novamente, não é possível a identificação da posição do sujeito em relação aos predicados verbais seguintes.

(3) Aurelianno José Pimenta, **tendo partido** para o Rio de Janeiro, e **não podendo** (pela brevidade de sua viagem) despedir-se de todas as pessoas que o honrão com sua amizade, o **faz** por meio d'este, pedindo-lhes desculpa offerecendo-lhes o seu limitado préstimo n'aquella Corte, à Rua Uruguayana, número 14 (O JEQUITINHONHA, 1870).

Apesar da suposta proximidade relativa do *corpus* selecionado ao vernáculo – segundo descrevem Guedes e Berlinck (2000) –, é importante reconhecer que se trata de um conjunto de enunciados escritos e que circularam na esfera jornalística o que, de algum modo, permitiu maior monitoramento e seleção atenta de elementos linguísticos na composição dos textos. Por este motivo, e tomando como referência o posicionamento de Pontes (1987), observamos que, de fato, na língua escrita, é intensa a recorrência da elipse como ferramenta de recursividade, isto é, como instrumento de retomada do sujeito sem incidir em redundância. Essa possibilidade é possível na língua portuguesa porque a flexão verbal carrega a marca do sujeito e nos permite sua retomada e compreensão da sentença.

Finalmente, encontramos enunciados sem oração e, portanto, sem predicado e sujeito. Conforme ilustra (4), esse fato se justifica pelo intuito do anunciador de destacar unicamente o que é vendido, prezando pela brevidade e pela objetividade do texto.

(4) Armazém de secos e Molhados e Padaria de Braz Marchischi & Irmão|Grande sortimento de gêneros nacionaes e estrangeiros. |Bebidas finas, licores, vinhos etc.| Sal, assucar, kerozene, azeite de Luca, doces [ilegível], fumos e outros artigos para fumantes.| Venda por atacado e a varejo.| Américo Braziliense (A NOTÍCIA, 21 jun. 1896, p. 164).

## 2. 2 ANTEPOSIÇÃO DO SUJEITO

Almeida (1967) explica que a ordem SV é

Ordem direta (também conhecida pelas denominações de natural, analítica ou usual) – É a ordem que consiste, em princípio, na disposição dos termos, na frase, de modo que os regentes antecedam os regidos, considerando-se, de um modo geral, o sujeito (em 1º lugar) e o predicado (em 2º lugar): verbo, complemento ou predicativo e adjunto adverbial (ALMEIDA, 1967, p. 245).

Contudo, como descreve Dias (1959, p. 309), a anteposição e a posposição do sujeito são regras gramaticais que respeitam a clareza da língua: “Com respeito à collocação, que depende de considerações lógicas, oratórias e musicaes, considerações que tem de subordinar-se ao principio supremo da clareza”.

Conforme já apresentado, em nossa análise, 143 (60%) ocorrências das 239 orações analisadas corresponderam a casos de anteposição. Na mesma direção do que salienta Pontes (1987),

entre outros autores, percebemos que de fato a maior produtividade é de anteposição do sujeito em língua portuguesa. Contudo, diferente da expectativa criada por conta de alguns estudos sobre o tema, essa diferença não se mostrou tão distante em anúncios de jornais do Brasil oitocentista, limitando-se a 20%.

Essa relativa aproximação parece estar relacionada à modalidade escrita e ao suporte discursivo analisado: o jornal, que, como sabemos, pode se orientar por um interesse pela expressão mais objetiva. O efeito de objetividade pode ser alcançado, por exemplo, pelo intenso uso de estruturas mais impessoais, como a voz passiva sintética – na qual o sujeito é sempre posposto ao verbo. Além disso, na modalidade escrita da língua, a recorrência da elisão do sujeito como elemento de recursividade favorece o descarte de contextos de análise que potencialmente poderiam apresentar o uso do sujeito anteposto ao verbo – como quando acompanhados de verbos transitivos e copulativos.

Quando analisada quantitativamente a anteposição do sujeito em relação ao tipo de voz da oração, ao verbo e à presença de objeto, verificamos que a ordem SVO representa a maioria substancial dos dados, isto é, 59%, o que corresponde a 84 ocorrências – conforme vemos na Tabela 1. Esse comportamento vai na direção do que observou Pontes (1987), segundo quem haveria predominância da ordem SVO junto a verbos transitivos.

Tabela 1 – Contextos de anteposição do sujeito

Contextos	Qdade	
S+V+O	84	59%
S+O+V	41	29%
S+V	9	6%
S+V (Pas. Sintética)	5	3%
S+V+Ag. (Pas. analítica)	4	3%
Total	143	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

Alguns casos particulares que salientamos são, primeiramente, a pouca ocorrência de voz passiva analítica: 4 casos, que correspondem a 3% do total, como exemplifica o enunciado (5):

(5) A aula de Latim **será regida** pelo illmo. sr. dr. Antônio Benedicto de Cerqueira Cezar, cuja aptidão, para o magistério, já é muito conhecida; e a de Francez, onde somente se ensinará gramática e tradução, pelo diretor abaixo assignado (GAZETA DE CAMPINAS, 24 jul. 1870).

Por fim, chamou-nos atenção a ocorrência, ainda que pequena, de sujeito anteposto mesmo em orações na voz passiva sintética (5 casos, o que corresponde a 3%), o que se verifica em (6) e (7):

(6) [...] uma pessoa com longa pratica da lavoura, offerece-se para tomar conta de fazenda [...] (Jornal a NOTÍCIA, dez. 1898).

(7) Lotes de terra| Vende-se de terras de 5 alqueires [...] (A NOTICIA, 21 jun. 1896).

A princípio, poderíamos considerar os últimos casos como relativos ao fenômeno da anteposição do sujeito, porém, uma análise mais atenta, revela-nos que, na verdade, se trata de casos de topicalização, seguido de verbo em voz passiva sintética com o sujeito elíptico, que, por sua

vez, retomaria o tópico. Segundo defini Orsini (2004), o tópico é o sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado no contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário.

## 2.3 POSPOSIÇÃO DO SUJEITO

Nos anúncios analisados, encontramos noventa e seis casos de sujeito posposto ao verbo, o que equivale a 40% dos dados. Conforme representado na Tabela 2, a presença de argumentos complementos ao verbo parece ser uma restrição possível para a posposição do sujeito, pois nesse

Tabela 2 – Contextos de posposição do sujeito

Contextos	Qdade	
V+S (Pas. Sintética)	54	56%
V+S	27	28%
V+O+S	9	10%
V+S+O	6	6%
Total	96	100%

Fonte: elaborada pelo autor.

contexto, apenas 15 ocorrências foram encontradas com o sujeito posposto (VOS ou VSO). Em comparação com os dados da Tabela 1 (da anteposição do sujeito), os contextos em que figuram algum argumento complemento do verbo tendem a favorecer a anteposição do sujeito.

Apesar de a ordem SV ser não marcada e propiciar um processamento mais objetivo do sentido da oração, ao invertermos essa ordem, a comunicabilidade não parece ficar comprometida. Já explicara Câmara Júnior (1975, p. 253) que a inversão do sujeito se dá “quando não há um objeto direto para opor, pela colocação, ao sujeito ou

quando mesmo com objeto direto, o mecanismo da concordância pode entrar em ação”. Isso é o que se observa, por exemplo, em (8):

(8) No dia 31 deste mês de Julho (Domingo) terá lugar a festa da Gloriosa Sra. Santa Anna na Igreja Matriz de N. S. da Conceição, **consta** o seu programa de Novenas que principiaram no dia 22 deste, Missa cantada, Sermão, Procissão, orando ao Evangelho, o Rvm. Vigário José Joaquim de Souza e Oliveira. (GAZETA DE CAMPINAS, 28 jul. 1870).

Conforme descreve a Tabela 2, os casos mais produtivos de posposição de sujeito estão vinculados a verbos intransitivos e a orações em voz passiva sintética. Algo que também já havia sido pontuado por Pontes (1987, p.107): “[...] se olharmos orações intransitivas, esta estatística é diferente: a ocorrência de VS é mais significativa”. O uso de verbos intransitivos com posposição do sujeito é o segundo caso mais produtivo, alcançando 27 ocorrências dos 96 casos totais, o que corresponde a pouco mais de 28%. Os enunciados abaixo representam esse caso:

(9) Em fins de março do corrente ano **fugio** huma criôla de nome Delfina, baixa, fula, com poucos dentes [...] (O NOVO ÍRIS, 31 maio 1850).

(10) **Fugio** ao abaixo assignado no dia 23 um papagaio, quem o apanha... (O NOVO ÍRIS, 6 ago. 1850).

O último caso de posposição, e o mais produtivo, está vinculado ao uso recorrente de voz passiva sintética, que corresponde a 56% das ocorrências (54 de 96 casos). Os enunciados abaixo são alguns exemplos desses usos:

(11) **Recebem-se** pensionistas [...] (A NOTÍCIA, 21 jun. 1896).

(12) **Perdeu-se**, no dia 28 [...], um alfinete de brilhante [...] (O NOVO ÍRIS, 31 maio 1850).



(13) **Vende-se** um sítio com casa de morada coberta de telhas [...] (GAZETA DE CAMPINAS, 29 set. 1870).

Recordamos que a alta produtividade da posposição do sujeito nesse contexto oracional está relacionado ao gênero textual anúncio de jornal. Por fim, é interessante observarmos a recorrência de casos de passivas sintéticas sem concordância entre sujeito paciente e o verbo, fenômeno que parece ter sua incidência aumentada no português contemporâneo:

(14) [...] **vende-se** lombinhos muito superiores chegados ultimamente da Colônia de São Leopoldo, por preço comodo (O NOVO ÍRIS, 5 jul. 1850).

(15) **Vende-se** quinze braças de terras sitos na Praia de fora, que forao das herdeiras do finado Fellippe Ago de Carpes [...] (O NOVO ÍRIS).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As apreciações expostas neste estudo permitiram-nos observar que, em anúncios de jornais do século XIX, já era possível encontrar maior ocorrência do uso do sujeito anteposto ao verbo (60% dos casos). Contudo, também notamos uma incidência significativa da posposição do sujeito (40% dos casos). Mais interessante é o fato de esses dados dialogarem de perto com os dados levantados por Pontes (1987), que descreve a colocação do sujeito no português moderno. Ou seja, já no português oitocentista se observava a maior recorrência da anteposição do sujeito (disposição não marcada na língua), especialmente favorecida junto a verbos com complementos explícitos. Por sua vez, a posposição do sujeito ocorria especialmente em verbo sem complemento ou em orações passivas sintéticas. Em particular, nesse último contexto, também era possível observar a ausência de concordância do verbo com o que, nas páginas da tradição normativa, é visto como sujeito.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *Gramática brasileira da língua portuguesa*. São Paulo: Obelisco, 1967.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1959.
- GUEDES, M.; BERLINCK, R. A. *E os preços eram commodos... anúncios de Jornais Brasileiros Século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.
- ORSINI, M. T. As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF: análise do discurso e linguística textual*. Rio de Janeiro: CFEFL, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno05-07.html>. Acesso em: 4 fev. 2021.
- PONTES, E. A ordem VS em português. In: PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas/SP: Pontes Editores, 1987. p. 105-147.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos: itinerários da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. 3. ed. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

## **JORNAIS**

A Actualidade, 16 jul. 1875.

O Jequitinhonha, 1868.

O Jequitinhonha, 1870.

A Notícia, 21 jun. 1896.

Gazeta de Campinas, 23 jun. 1870.

Jornal a Notícia, dez. 1898.

A Notícia, 21 jun. 1896.

Gazeta de Campinas, 28 jul. 1870.

O Novo Íris, 31 maio 1850.

O Novo Íris, 6 ago. 1850.

A Notícia, 21 jun. 1896.

O Novo Íris, 31 maio 1850.

Gazeta de Campinas, 29 set. 1870.

O Novo Íris, 5 jul. 1850.

O Novo Íris.